

BOAVENTURA, S. – *Itinerário da Mente para Deus*, Tradução de António Soares Pinheiro, S.J.; Uma leitura introdutória de Maria Manuela Brito Martins, Coleção Textos Franciscanos, Ed. Centro de Estudos Franciscanos, Porto, 2009, 223 pgs.

A publicação deste clássico de S.Boaventura, e do pensamento cristão de inspiração franciscana, deve-se à feliz iniciativa do Centro de Estudos franciscanos que, ao criar a colecção *Textos Franciscanos* de que este é o primeiro volume, pretende divulgar as obras mais representativas deste carisma e tradição.

Associa-se ainda ao 800º aniversário da fundação da Ordem Franciscana, da qual S.Boaventura foi Ministro Geral. Precisamente em 1259 (há 750 anos) S.Boaventura subiu ao Monte Alverne, nos Apeninos, em busca de refúgio e solidão, e aí, revivendo a aparição de um Serafim a S.Francisco, terá recebido a inspiração para escrever o *Itinerário*.

Esta obra, de carácter essencialmente místico, consta de sete capítulos, cujos títulos, na sua sequência e progressão indiciam a estrutura da obra, e o perfil do próprio pensamento boaventuriano. Assim:

O cap. I intitula-se *Degraus para a ascensão para Deus e dispeculação de Deus pelos seus vestígios no Universo*

O cap. II – *Dispeculação de Deus nos seus vestígios no mundo da sensação*

O cap. III – *Dispeculação de Deus pela sua imagem impressa nas potências naturais*

O cap. IV – *Dispeculação de Deus na sua imagem renovada pelos dons sobrenaturais*

O cap. V – *Dispeculação da Unidade Divina pelo seu primeiro nome que é a existência*

O cap. VI – *Dispeculação da Santíssima Trindade no nome que é o Bem*

O cap. VII – *xtase mental e místico em que se dá descanso ao entendimento e pelo êxtase o amor se transfere totalmente para Deus*

Estamos perante uma autêntica arquitectura do pensamento que, qual catedral, nos procura conduzir, por caminho seguro e gradativo à contemplação de Deus, fazendo-nos evocar, por analogia, as célebres *Moradas* de Sta. Teresa de Ávila.

Tomando como referência a excelente introdução a cargo da Prof.Dra. Maria Manuela Martins esses seis degraus apresentam a seguinte especificação e finalidade:

“O primeiro capítulo pretende mostrar como, através da ordem sensível universal, podemos, por meio de uma escala ascencional, encontrar os vestígios da presença de Deus” (p.29)

“No segundo grau desta ascensão, já não procuramos contemplar a Deus por meio da imagem das realidades sensíveis, mas enquanto elas são imagens do próprio Deus, com essência, potência e presença. A este segundo grau compete “levar-nos à contemplação de Deus, em todas as criaturas que entram na nossa mente pels sentidos corporais” (capII, 1)” (p.35)

“Chegados ao terceiro grau, somos levados a contemplar Deus através da sua imagem impressa nas faculdades naturais. Trata-se agora de contemplar Deus, por meio da sua imagem (per suam imaginem). Para isso teremos de entrar na nossa mente para podermos aí contemplá-Lo. Porque é na nossa mente que Ele reluz a Sua imagem” (p.38).

“O quarto grau é aquele que nos faz entrar em nós, de forma a contemplarmos o Primeiro Princípio. Visto que Deus está mais próximo das nossas mentes, é necessário, portanto, que contemplemos em nós, Aquele que é a origem dessa contemplação.” (p.45)

“No quinto grau passamos a contemplar Deus acima de nós, não como o tínhamos feito até aqui, por meio de vestígio exterior a nós, mas por meio de imagem interior a nós”. A partir de agora será, por meio da luz e acima de nós, mediante a qual a nossa mente é iluminada” (p.48)

“(No sexto grau) o olhar da nossa inteligência deve agora ser elevado até à contemplação da Santíssima Trindade, por meio do fundamento essencialíssimo que é o Bem”. (...) (Nele) podemos contemplar, no primeiro princípio supremo e mediador,

entre Deus e o homem, que é Jesus Cristo, todas aquelas coisas que não têm correspondência analógica, na ordem da criação, a algo semelhante a esses Princípios (p.53/54)

Esta obra é pois de uma grande riqueza espiritual não só pelo seu conteúdo interno , mas também pelas conexões que se podem estabelecer com grandes autores da espiritualidade medieval. É o caso, entre outros de S.Francisco, Sto.Agostinho ou Dionísio Pseudo-Areopagita como é aliás relevado no estudo prévio.

O facto de estarmos perante uma edição bilingue, é uma tradução de inegável qualidade que torna a obra ainda mais apetecível e valiosa.

José Acácio Castro